PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES NA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Rafaela Bacelar Santos [1], Carla Veronica Albuquerque Almeida [2], Claudilene Maria da Silva [3]

RESUMO

O projeto objetiva analisar o itinerário da prática pedagógica na educação para as relações étnico-raciais de uma instituição escolar em São Francisco do Conde – BA. As práticas pedagógicas escolares que estão sendo desenvolvidas e vivenciadas para a institucionalização da educação das relações étnico-raciais no Brasil, ainda são pouco conhecidas, discutidas e socializadas. Entretanto, são elas que em longo prazo, podem fundamentar um projeto pedagógico curricular preocupado com a diversidade humana, contribuindo para a construção de pedagogias de combate ao racismo. Foi realizado um estudo de tipo etnográfico que focalizou a aproximação e a vivência das diferentes realidades da instituição, procurando mapear e caracterizar as práticas pedagógicas na educação para as relações étnico-raciais. As sessões de trabalho na escola tiveram como objetivo ouvir a comunidade escolar, observar a presença das relações étnico-raciais, conhecer os procedimentos do ensino de história e cultura afro-brasileira, bem como o desenvolvimento de outras práticas sobre o tema. Concluímos que as práticas pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvidas pela instituição, ainda estão em processo de implantação. Muitas ações e atividades ainda são realizadas em momentos pontuais, apesar de alguns conteúdos do currículo da escola, serem trabalhados na prática pedagógica mas, sem que haja ênfase e aprofundamento das questões étnico-raciais.

Palavras-chave:

Práticas pedagogicas. Escola. Relações Étnico-racial. Itinerário pedagógico.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, Instituto de Humanidade e Letras, Discente, e-mail: rafaabacelar@hotmail.com
[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras , Docente, e-mail: carlaalmeida@unilab.edu.br
[3] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira -UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, e-mail: claudilenems@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Em mundos diversos a educação pode se encontrar desde a comunidades tribais como em espaços industrializados não cabendo a ninguém diminuí-los pois, para cada povo a uma educação. Educação essa que pode existir “em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância” (BRANDÃO, 1981, p. 18). Entendemos que a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes. E esta é a sua força.

A existência e a perpetuação do racismo na sociedade brasileira até os dias atuais transformaram-se em um dos principais obstáculos no processo de construção da identidade negra. Outros fatores também influenciaram neste processo, especialmente as péssimas condições sociais da imensa maioria da população negra (SANTOS, 2017).

Por anos, o negro foi projetado na sociedade brasileira como apenas mão de obra barata, desde a abolição da escravidão sendo essa uma das piores formas de opressão do negro. Essas desigualdades impostas pela elite branca se justificavam pois, “o fracasso da vida do negro devia ser tratado como consequência das suas próprias deficiências, pois o sistema oferecia igualdade de oportunidades a todos, negros e brancos, indistintamente” (DOMINGUES, 2005). Em outras palavras, por muitos anos essa sensação de culpa ou auto conformismo foi incorporada na ideia de ser negro no Brasil, se não isso a “miragem” para o mundo a fora de que “aqui todos são iguais”.

Neste cenário, o espaço escolar é marcamente discriminatório e excludente para essa população, resultando num aproveitamento desigual e exigindo-lhes maior grau de empenho para que consigam atingir o sucesso escolar (PAIXÃO, 2008). Em outras palavras, a escola por mais que deva exercer um papel como transformadora social, ainda pertence e obedece a ideologias políticas de uma pequena elite branca e dominante, que acabam por contribuir no silenciamento e invisilidade dos não-brancos.

Cabe ressaltar que, mesmo após alguns anos da aplicabilidade das leis 10.639/03 e 11.645 que inclui a história da população indígena, a efetividade quando aferida nas escolas e nas práticas pedagógicas ainda é encontrada de maneira folclorizada, em momentos pontuais, como as atividades realizadas no dia 20 novembro, dia este, intitulado como “dia da consciência negra” no calendário do Brasil. O que nos faz pensar sobre o quanto é frustrante a construção da identidade das crianças não brancas que não conseguem se enxergar no espaço tido como rico em aprendizagem. É nesse sentindo, que se torna necessário o pensar de práticas pedagógicas que completem as relações étnicos-raciais não valorizando a igualdade pois esses espaços são constituídos por pessoas diferentes que em nenhum momento devem se sentir inferior ao outro por não ser igual a ele, cabendo dar materialidade a uma política curricular que trate pedagogicamente as diferenças de forma equitativa e respeitosa.

METODOLOGIA

Trata-se de uma abordagem teórica-construtiva, onde através de leituras sobre a temática e idas a campo buscou-se compreender educação, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Dessa maneira, a

metodologia se distribuiu em quatro etapas: 1. Reuniões da equipe de pesquisa; leitura e discussão de textos; 2. Levantamento das escolas de São Francisco do Conde que possuem trabalho com a temática educação para as relações étnico-raciais; 3. Entrevista com 2 professoras que atuam nas escolas da rede e outro a gestão pedagógica da rede de ensino da cidade; 4. Observação Participante na Escola, que teve como objetivo, possibilitar uma aproximação mais criteriosa das práticas pedagógicas, por meio dos gestos, movimentos, expressões, falas, atitudes e atividades desenvolvidas.

A aproximação da realidade da rede municipal de São Francisco do Conde, no que se refere a temática da educação para as relações étnico-raciais foi realizada por meio de duas entrevistas sendo uma com uma professora que já fez parte da rede de ensino na escola e outra que atuou como professora e coordenadora de escolas, mas atualmente se encontra atuando como gestora na secretaria de educação, na condição de auxiliar da diretoria pedagógica, ambas as professoras pertenciam a modalidade da Educação Infantil.

Num segundo momento realizamos observação participante em uma escola indicada pela secretaria de educação de São Francisco do Conde. Nas sessões de observação na instituição, cujo objetivo central foi observar as práticas pedagógicas escolares voltada a educação das relações étnico-raciais, estivemos atentas a organização da escola e as relações interpessoais em seu espaço, no tocante as relações étnico-raciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ITINERÁRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

Estudos de Silva (2016) apontam que o itinerário pedagógico de uma instituição escolar é caminho, mas é também direção. É o destino, o rumo que a instituição dá à sua prática pedagógica. Logo, cada unidade escolar engendra o itinerário da prática pedagógica na educação para as relações étnico-raciais de acordo com suas concepções, realidades, contextos e condições. Aqui destacamos quatro aspectos relevantes para compreender o itinerário da prática pedagógica naquela instituição. Sendo o primeiro, a estrutura e organização da escola; o segundo, os momentos de aula e avaliações disciplinares (provas); o terceiro, a relação entre a escola e as famílias, percebida na reunião com pais, mães e responsáveis; e o quarto o Projeto Pedagógico da Escola.

Quanto a estrutura e organização da escola, uma das impressões inicias que tivemos foi referente as imagens distribuídas nos muros e murais da instituição; os quais eram compostos por figuras de bonecos e bonecas nas cores branca e preta. Ainda que estas cores estivessem presentes nas diferentes imagens, a predominância de personagens brancos, superava a presença das imagens de personagens negros. O que me causou certo espanto, mas não estranheza. Uma das vices diretoras, esclareceu-me que no ano letivo de 2019, a escola estava trabalhando com a temática “diversidade” e que cada professora decoraria a sua sala de acordo ao tema.
Outro ponto observado foi o intervalo, ou melhor, a sua ausência. Durante o período de observação, fomos informadas que na referida instituição não estava ocorrendo intervalo fora das salas de aula, o que se configurou como uma dificuldade para as analises, não sendo possível observar as interações nesse momento. Nesse sentindo, só era permitido que as crianças saíssem da sala para irem ao banheiro ou ficavam na porta.

Sobre os Momentos na sala de aula e avaliações disciplinares, destacamos as imagens e conteúdos

trabalhados nas avaliações e atividades, a relação percebida entre professora e estudantes e entre os próprios estudantes. Quanto às imagens, era possível notar alguns aspectos positivos, mas os negativos se sobressaíram. No positivo foi possível perceber, na avaliação de história que continha algumas imagens de negros e indígenas como nas manifestações culturais da cidade de São Francisco do Conde como, por exemplo, os “capabodes, os meninos da lama e a corrida de canoa”. Por outro lado, a leitura que tivemos de algumas imagens como a dos índios vestidos com tangas, foi que estavam representadas de maneira estereotipada / folclórica mesmo que a finalidade da avaliação não tenha sido essa. Na parte interpretativa do texto, havia uma palavra cantada chamada de “Pindorama”. Esse texto trata de um diálogo entre dois garotos, um brasileiro e outro português, aonde cada um dá a sua versão sobre o que sabem do descobrimento ou não do Brasil. O texto desconstrói as ideologias tidas ainda em muito livro de história, que o Brasil não foi descoberto mas sim ocupado por Portugal.

Um outro ponto relacionado as imagens, visto na avaliação de geografia, foi que das poucas imagens que tinha, havia uma predominância de pessoas brancas, sem contar que em uma das questões, as crianças tinham que colorir os heróis, heroínas e princesas. Infelizmente, nenhum desses desenhos era de personagens negros; tendo como exemplo o Super Homem e a Branca de Neve. Convém salientar que não foi identificado em nenhuma outra disciplina sem ser no componente curricular de História, algo que tratasse da educação para as relações étnico-raciais.

Um outro momento observado foi quanto a preparação para as atividades festivas. Durante a pintura da decoração para o São João foram distribuídas imagens de um casal de bonecos com trajes juninos. O intuito era que cada educando colorisse a seu gosto para que esse desenho fosse a capa das suas atividades e avaliações da unidade que seriam entregues. Notei que nenhuma das crianças pintou a pele dos bonecos de cor preta. Quando iam pintar buscavam em sua maioria a cor bege tida como a “cor de pele”; na cor do cabelo não era muito diferente, no desenho da boneca, por exemplo, tanto as garotas quanto pelos garotos pintavam de loiro. Convém salientar, que a cidade de São Francisco do Conde é majoritariamente negra, assim como a turma observada, o que faz pensar mais uma vez na importância da aplicabilidade da lei 10.639/03 como um instrumento de desconstruir e reconstruir a representatividade desses educandos.

Durante o período de observação foi possível analisar como a instituição se organiza para discutir as relações étnico-raciais. A principio essa discussão pode ser notada em dois momentos, sendo o primeiro quanto a temática anual da escola nomeada “Diversidade” e o segundo sobre como a aplicabilidade do tema aparece no PPP.
Consideramos a princípio positivo, o trabalho sobre Diversidade proposto pela escola; uma vez que possibilita a inclusão de um não “só eu” e/ou "uma só coisa” mas sim, levando em conta as diferentes alteridades, ou seja, o “outro”. Nesse sentindo, observamos que a escola quando trabalha a diversidade voltada as questões étnico raciais se direciona mais sobre a questões Identitárias.
A proposta pedagógica da Instituição tem como princípio, segundo as professoras, uma educação que possibilite aos educandos/as oportunidades para a sua formação e transformação da realidade por intervenção de estudantes, educadores e demais atores sociais envolvidos no processo educativo, de forma coletiva e participativa capaz de contribuir para o fortalecimento da cidadania.

Um olhar que trabalhe com a construção da Identidade dos alunos e alunas, se não tiver na sua aplicabilidade um sentindo critico e reflexivo sobre a temática, mais uma vez a efetividade terá um resultado que não corresponde ao que é proposto pela Lei 10.639/03. As pesquisas da área têm mostrado que, de forma geral, a temática está presente nas escolas, mas não como componente curricular. O que reduz a sua

importância e possibilidades de atuação, porque não é tratada como conteúdo de ensino.

CONCLUSÕES

É fundamental que a escola busque implantar uma prática em que o currículo de fato contemple as diversas e diferentes atividades e ações, voltadas as questões étnico raciais. Um olhar que considere não apenas o explícito mas, o que está implícito, nas “entrelinhas”, seja nas reações, comportamentos, olhares, atitudes. Uma proposta que contemple uma prática pedagógica voltada para a valorização da cultura étnico-racial, garantindo o respeito a diversidade cultural, articulada ao processo ensino-aprendizagem, referenciados na realidade local e nacional, possibilitando a desconstrução de práticas preconceituosas, com vistas a contribuir para mudanças nesse quadro, considerando a formação de crianças e jovens, bem como de profissionais que atuam na área da educação.

Na escola campo da pesquisa, as práticas pedagógicas sobre educação e relações étnico-raciais ainda estão em um processo de construção e apesar dos poucos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer. Isso pode ser notado ao analisarmos alguns aspectos que foram trabalhados em torno da temática pela Instituição, a exemplo das ambiências e murais decorativos, nos planejamentos e práticas avaliativas.

Acreditamos que uma das formas de melhoria seria a aplicabilidade efetiva de ações sobre as relações étnicos raciais tanto para as educadoras quanto para os educandos e educandas. Outra questão a ser ressaltada é a necessidade de formação continuada que possibilite pensar estratégias para a aplicabilidade da temática. O que levaria a pensar em novas práticas em sala de aula que busquem o respeito as diferenças e contribuam efetivamente para a construção idenitária de cada aluna e aluno. Concluímos que as práticas pedagógicas voltadas para a educação das relações étnico-raciais, desenvolvidas pela instituição, ainda estão em processo de implantação, visto que muitas ações e atividades ainda são realizadas em momentos pontuais, apesar de alguns conteúdos do currículo da escola, serem trabalhados mas, sem que haja ênfase e aprofundamento das questões étnico-raciais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar o meu carinho, para com professora Claudilene Maria da Silva coordenadora do projeto e a vise-coordenadora professora Carla Veronica Albuquerque Almeida pela oportunidade e experiência. Ao programa PIBIQ UNILAB/CNPq, por oportunizar os primeiros passos no mundo da pesquisa e iniciação cientifica. Enfim, a todos/as que diretamente ou indiretamente contribuíram para a construção desse trabalho.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. O Que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 1981. 116 p.
BRASIL. Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 2003.
_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.
DOMINGUES, Petrônio. "O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930) 1." Diálogos Latinoamericanos, v. 10 (2005), pp 116-132.
PAIXÃO, Marcelo. A didática do bom aluno. relações raciais e o sistema educacional brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
SANTOS, Rafaela Bacelar. Construção da identidade negra nas escolas públicas e privadas de Salvador. Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017, São Francisco do Conde-Ba.
SILVA, Claudilene. Professoras Negras: identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013 (Coleção Etnico-racial).
SILVA, Claudilene; Práticas Pedagógicas de Valorização da Identidade, da Memória e da Cultura Negras: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.